



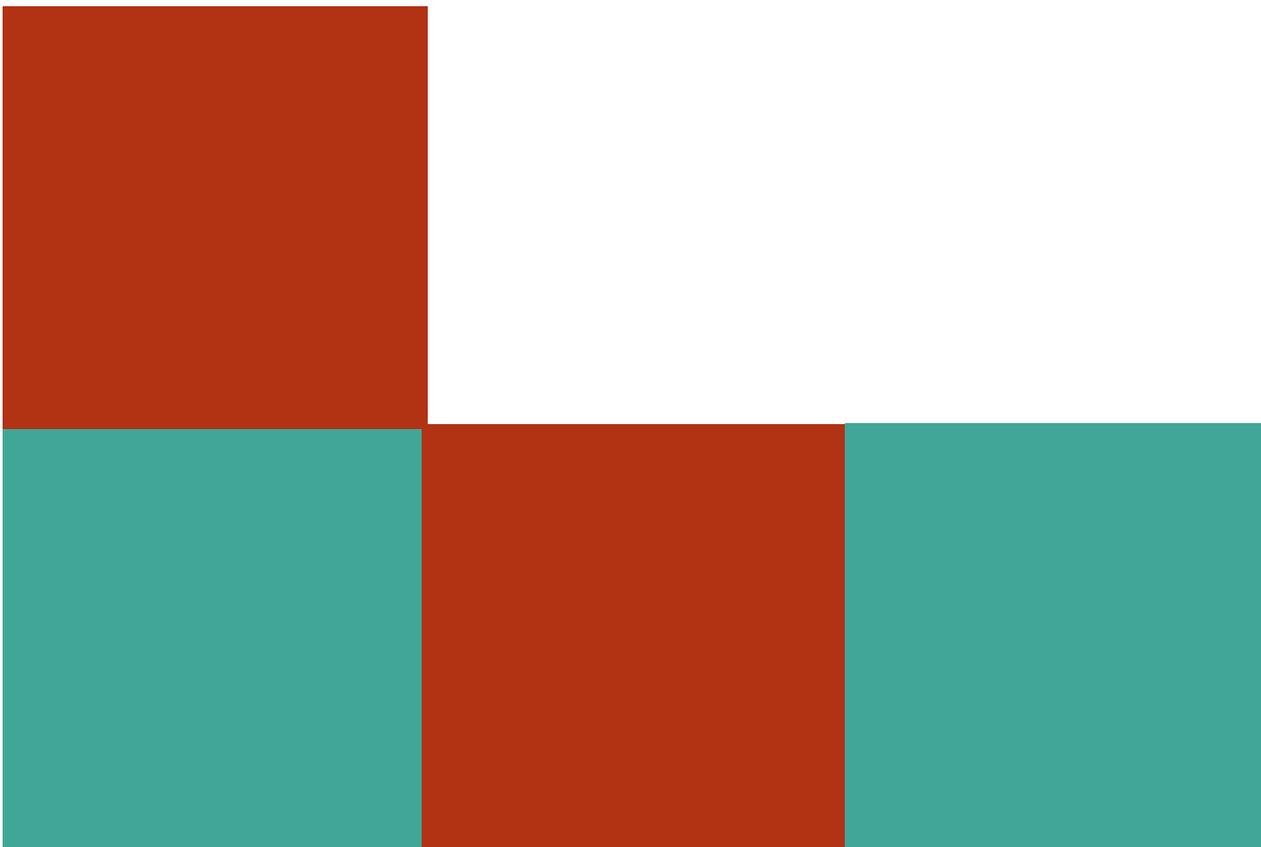
250ml de testosterona a cada 21 dias: o tecnoxamanismo de Preciado no corpo do monstro que vos fala

Resenha

PRECIADO, Paul B. *Yo soy el monstruo que os habla: informe para una academia de psicoanalistas*. Barcelona: Editora Anagrama, 2020, 96p.

Ribamar José de Oliveira Junior

Doutorando em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



Dedicado à filósofa americana Judith Butler e lido em primeira mão pela escritora francesa Virginia Despertés, o livro *Yo soy el monstruo que os habla: informe para una academia de psicoanalistas* do filósofo espanhol Paul B. Preciado, traduzido pela Editora Anagrama de Barcelona em 2020, apresenta o discurso do autor para a *École de la Cause Freudienne* (ECF) realizado no dia 17 de novembro de 2019 em Paris, na França.

Diante de 3.500 psicanalistas reunidos para as jornadas internacionais da associação francesa, fundada no ano de 1981 pelo psicanalista francês Jacques Lacan, Preciado fala a partir da sua experiência como homem trans, um corpo não binário, rompendo silêncios em torno do discurso da psicologia normativa que o diagnosticou como “doente mental” e/ou “disfórico de gênero” pela sua suposta incapacidade de resolver o complexo de Édipo. Quando perguntou se havia algum psicanalista transexual, homossexual ou não binário na sala, o filósofo conta em um breve prefácio que entre o silêncio ouviu risos, vaias e aplausos. Afinal, o discurso de poucos minutos, interrompido pelo tempo do evento, fez com que metade da sala se dividisse e algumas pessoas até mesmo o comparassem a Hitler.

No entanto, talvez essa fala se aproxime de uma longa carta escrita por Paul para Beatriz. Na íntegra, o discurso do filósofo “aplaudido pela metade” alude a atual transformação da epistemologia sexual e de gênero e o seu impacto na psicanálise. Iniciado com uma citação de Victor Hugo da obra *El hombre que ríe* de 1869, o discurso de Preciado parte do fato de que talvez naquele evento não exista ninguém que renunciou à diferença sexual e que tenha sido aceito como psicanalista para analisar os outros. Ainda assim, ele pede que ninguém abandone sua crença para ouvi-lo.

O informe da sua vida como homem trans ecoa como resposta às vidas naturalizadas que o escutam. Ao trazer Franz Kafka para pensar sua própria metamorfose, o teórico de gênero se inspira na obra *Ein Bericht für Akademie* de 1917, onde o narrador do texto é um macaco que aprendeu a linguagem dos humanos e se conduz a uma academia científica para falar do futuro. No caso, o macaco se chama Pedro el Rojo e o animal expõe como foi capturado por uma expedição de caça na Costa do Ouro pelo circo Hagenbeck, sendo transportado para a Europa e instruído a se tornar um homem.

Da opção de viver na jaula ou viver na jaula da subjetividade humana, o monólogo do macaco serve de comparação ao que Preciado traz de frente para a academia de psicanalistas, pois o autor se apresenta como um macaco humano de uma nova era, sendo o monstro que vos fala, construído pelo discurso da própria clínica que o apreendeu na linguagem do patriarcado colonial.

Na produção do discurso de si mesmo, Preciado se levanta do divã e toma a palavra com o corpo trans. Por isso, assim como Pedro foi um trãnsfuga de uma jaula para outra, Preciado saiu de uma jaula para, quem sabe, entrar em outra, mas dessa vez no lugar onde se colocou. Da jaula de homem trans, corpo vivo de gênero não binário, Preciado fala melhor do que na jaula dos homens ou das mulheres, pois considera que ao menos reconhece o estatuto da jaula em que está.

Depois de quatro anos que abandonou a condição legal e política de mulher, ele conta que apesar de ter vivido como tal até os 38 anos de idade, começou a se definir como pessoa de gênero não binário e depois se incorporou ao mundo dos homens, sem ficar nele. Desde 16 de novembro de 2016, Preciado possui um passaporte com nome e sexo masculino e, devido a isso, não existem impasses entre os seus movimentos e a sua palavra como fronteira.

Nascido em uma cidade católica da Espanha franquista, foi-lhe atribuído o gênero feminino na expectativa de que Preciado fizesse um trabalho sexual e de gênero eficaz, silencioso e reprodutivo. Porém, ele se questiona sobre o que havia no seu corpo que permitia predizer toda a sua própria vida, principalmente, como forma de responder àquela domesticação. Para sobreviver ao processo sistemático de aniquilamento da sua potência vital, Preciado fala sobre livros.

Um dia, tudo mudou depois de uma visita a um sebo, quando encontrou o livro com páginas amareladas de uma tradução espanhola de *El Cuerpo Lesbiano* da feminista francesa Monique Wittig em uma edição de pré-textos de 1977. Aos 17 anos, Preciado tinha vergonha de comprar o livro e percebeu o alívio do vendedor em oferecê-lo por 280 antigas *pesetas*.

O valor incalculável do livro abriu um túnel em que passaram línguas pelas obras mencionadas de Magnus Hirschfeld, Guy Hocquenghem, Joanna Russ, Loren Cameron, Guillaume Dustan; pelos diários de Lou Sullivan; pela narração científica de Londa Schiebinger, Donna Haraway e Anne Fausto-Sterling; e pelos textos teóricos de Gayle Rubin, Judith Butler, Jack Halberstam, Sandy Stone e Karen Barad.

Os livros destacados por Preciado possibilitaram a imaginação de uma saída do circo do regime binário e heteropatriarcal diante da sua incapacidade de não corresponder ao ideal de mulher. Quando o filósofo diz que deixou de ser mulher, ele se pergunta se não poderia ser o próprio abandono da feminilidade uma das principais estratégias do feminismo, sobretudo, porque do seu útero rebelde e testosterônico saíram fúrias em vida.

Ao injetar testosterona em si mesmo, 250 ml a cada 21 dias, Preciado faz do seu próprio corpo uma plataforma de resistência, saindo da condição chamada de feminina para cavar um túnel sem luz próxima, mas com o breu que não poderia imaginar. Até aqui ele não está falando de liberdade, mas sim da saída do regime da diferença sexual, pois Preciado conta que não conheceu a liberdade sendo menina na Espanha franquista, nem como sapatona em Nova Iorque, tampouco como homem trans. “La libertad de género y sexual no puede ser una distribución más justa de la violencia, ni una aceptación más pop de la opresión. La libertad es una salida, un túnel”¹ (PRECIADO, 2020, p. 30).

É interessante perceber como Preciado explica que encontrou mais liberdade sendo um transexual patologizado do que uma mulher livre na sociedade tecno patriarcal do século XXI. Pois a travessia da transexualidade, ainda que tortuosa e acidentada, o permitiu experimentar a vida e a percepção para cavar um fora. Ele compara a criação desse túnel com a estratégia do professor da série *La Casa de Papel* da Netflix, que estuda a arquitetura invisível de um banco para criar uma tática de entrada e saída. No caso, Preciado diz que tem estudado a arquitetura cognitiva da diferença sexual, sabendo que seria bem mais difícil do que roubar um banco.

¹ “A liberdade sexual e de gênero não pode ser uma distribuição mais justa da violência, nem uma aceitação mais *pop* da opressão. A liberdade é uma saída, um túnel”. Tradução nossa.

Pelo estudo das tradições do feminismo negro e do feminismo lésbico, além da crítica anticolonial e dos movimentos pós-marxistas, Preciado diz que fabricou a sua liberdade ainda que dentro da jaula do título de doutor pela Universidade de Princeton, em Nova Jersey, nos Estados Unidos.

Ao transformar o próprio corpo em travessia, em uma suposta monstruosidade, a sua transição aparece como espetáculo público na saída que não busca eleger a liberdade, mas fazê-la, na recusa de ser um “bom transexual” que talvez seguiria o ritual farmacológico e psiquiátrico da transexualidade domesticada no anonimato da masculinidade normal.

Mesmo com a voz grave, completamente fabricada e absolutamente biológica, Preciado, de barba e bigode, entende os códigos da masculinidade dominante quando entra nos banheiros masculinos, onde percebe que a homosociabilidade mostra o avesso de toda representação heterossexual, pois se as mulheres entram no banheiro para refazer sua máscara heterossexual, os homens entram no banheiro para esquecer da sua heterossexualidade. Afinal, por detrás das máscaras existem outras máscaras.

Assim, ele se questiona o porquê de pensarmos as identidades subalternizadas e não pensarmos a identidade invisível hegemônica que esconde o privilégio da norma sexual, de gênero e racial. Tal questão, para Preciado, aparece quando ele traz que nada tem identidade, apenas todos nós ocupamos um lugar distinto nas complexas relações de poder. Para ele, não há universalidade, a não ser pelas fábulas mítico-psicológicas reconhecidas por Freud e elevadas à condição de ciência por Lacan através das histórias locais, dos relatos da mente patriarcal-colonial europeia e das narrativas que permitem legitimar a soberania do pai sobre qualquer corpo.

O argumento de que a psicanálise é um etnocentrismo que se ignora ganha força quando Preciado menciona que, pelo fato de ter se reconhecido como trans, acaba sendo visto através de simplificações. Contra toda a psiquiatria heteropatriarcal, colonial e a psicanálise, Preciado afirma que não existia, na sua infância, um desejo de ser homem que hoje justifique a sua transição. Isso aparece refletido pelo seu próprio reconhecimento como homem que por si só subjaz todas as identificações de gênero. Sem perder a

memória, Preciado diz que são as lembranças da sua vida passada, como uma mulher, que permanecem vivas, não deixando de ser completamente Beatriz e sem se reconhecer somente como Paul.

Por isso, ele compara o seu corpo vivo a uma cidade grega, onde os edifícios contemporâneos trans convivem com a arquitetura pós-moderna lésbica e as belas mansões femininas *art déco*. Para ele, é impossível dizer que foi simplesmente uma mulher ou simplesmente um homem, pois prefere a condição de monstro como uma pele que avança no vazio e mostra um novo mundo possível. “El monstruo es aquel que vive en transición”² (PRECIADO, 2020, p. 45).

Dessa forma, transicionar de gênero para Preciado é inventar um agenciamento maquínico com hormônios e outro código vivo, onde a linguagem se deriva no elo com as múltiplas formas de sentir e viver, a exemplo da relação com uma planta. Antes de tudo, a transição de gênero pode ser vista como uma comunicação transversal com o aparato hormonal, desde que as funções se borrem no eclipse do que se convencionou como feminino.

Nesse despertar, um processo molecular de descolonização se inicia debaixo da pele na recusa do poder heteropatriarcal. Portanto, seria o corpo trans uma colônia para o discurso médico e psicológico dominante, tendo em vista como impõem e normalizam os órgãos. Como lugar de extração e aniquilamento de vida, Preciado diz que os órgãos do corpo trans são para o sistema heteropatriarcal como a borracha é para a extração na Amazônia, brotando inesgotável pela floresta. O pênis e a vagina não são mais reais do que a Ruanda e a Nigéria ou a Espanha e a Itália.

O que Preciado chama de *tecnoxamanismo* é a ativação dos genes que foram cancelados pela presença do estrogênio e agora se conectam com a testosterona iniciando uma evolução paralela dentro da evolução da sua vida. Os órgãos trans como utópicos viverão como ruínas de mundos por vir da guerra patriarco-colonial, pois ser trans seria

² “O monstro é aquele que vive em transição”. Tradução nossa.

irromper o futuro das células e desatar outros códigos políticos e culturais que não reconhecem o ontem e o hoje.

De um monstro não cultivado, o corpo de Preciado torna-se uma sala aberta para um show biopolítico. Como um xamã do próprio tecno corpo, Preciado fala que o conceito de mimetismo é ruim para pensar a transição de gênero, pois não se imita nada em uma travessia, nem mesmo o crocodilo imita o tronco da árvore ou o camaleão as cores do mundo. Preciado nos diz que o crocodilo reconhece o seu futuro como vegetal e o camaleão vê o arco-íris nas suas escamas. Assim, depois de uma longa conversa sobre a sua experiência, Preciado nos oferece três ideias que aparecem divididas em três capítulos curtos na obra. Sem grandes pretensões, Preciado pede que os ouvintes psicanalistas conheçam a sua própria experiência e decidam por si mesmos qual o futuro da psicanálise.

Em um primeiro momento, o autor mostra como a psicanálise trabalha com o regime da diferença sexual por uma epistemologia política do corpo. Como uma cartografia anatômica, Preciado nos diz que o regime da diferença sexual na psicanálise aparece como teoria e aparato psíquico na prática clínica orientada por Freud no final do século XIX, no momento em que se cristalizam fronteiras entre corpos normais e corpos abjetos, sendo a ciência do inconsciente patriarcal-colonial uma tecnologia de gestão do armário que possui a diferença sexual como uma condição interna e imanente.

A clínica em torno do complexo de Édipo não tem nenhum significado fora da epistemologia da diferença sexual, porque todo o edifício freudiano foi pensado desde a posição da masculinidade, do corpo com o pênis erétil, penetrante e ejaculante. Não se trata de negar o que Freud, assim como Nietzsche ou Marx, foi para os fundamentos da modernidade, o que pretende Preciado é elaborar uma crítica a partir dos processos contemporâneos. Nesse bojo, o filósofo propõe uma clínica radicalmente política que comece na despatriarcalização e descolonização do corpo e do aparato psíquico.

Em segundo lugar, aponta que essa epistemologia binária e hierarquizante entrou em crise ao menos a partir dos anos de 1950. Com a politização dos corpos que haviam sido considerados abjetos e monstruosos por essa epistemologia, desde a organização dos movimentos de luta pela despatologização da homossexualidade até as lutas feministas

pela contracepção, ao lado das novas técnicas cromossômicas, endocrinológicas e com a extensão da medicalização, aparecem cada vez mais multiplicidades do corpo, a exemplo dos bebês intersexuais que antes eram tidos como hermafroditas.

Ao considerar que todo psicanalista lacaniano que surgiu a partir dos anos de 1940, em sua releitura de Freud pela virada linguística, já é a primeira resposta à crise dessa epistemologia, Preciado parte da hipótese de que Lacan não chegou a desfazer o binarismo sexual devido ao seu apego político ao patriarcado heterossexual. Pela genealogia dos monstruosos na modernidade, Preciado fala dos seus ancestrais que foram tratados por terapias que funcionavam como dispositivo de controle. Do termo de 1950 que se referia a transexuais como “doentes da identidade de gênero” ao termo de 1970 incorporado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) como “disforia de gênero”, o epistemicídio dos saberes trans permeou uma luta pela despatologização de suas identidades. Ao dizer que está operado, dentro do dispositivo epistêmico que diagnostica o seu corpo, Preciado rebate: e vocês, estão operados?

De certo, Preciado acredita que a epistemologia da diferença sexual sofre também de um erro significativo, na esteira lacaniana. Em um terceiro momento, Preciado finaliza o debate com as mutações da epistemologia da diferença sexual e prevê que daqui há 10 ou 20 anos uma nova episteme irá surgir dos movimentos trans feministas e *queer*.

No final da década de 1960, Preciado se refere ao processo paradigmático da transição de gênero e da afirmação do não binarismo que puseram em xeque noções normativas da psicologia. Ele incita que os psicanalistas precisam compreender que os monstruosos serão seus futuros filhos e netos. Se a crise epistêmica ativa cenários conservadores, a exemplo da proliferação hiperbólica das ideologias neofascistas e dos seus discursos neonacionalistas, misóginos, homofóbicos, transfóbicos e racistas, Preciado diz que a invenção de uma nova epistemologia permite redistribuir a soberania e reconhecer outras formas de subjetividade de gênero e sexual, confrontando uma possível nova aliança necropolítica do patriarcado colonial com as novas tecnologias farmacopornográficas. E se as diferenças entre genitais não forem um critério de aceitação de um corpo humano na sociedade e na política?

Apesar da importância do discurso de Preciado, vemos algumas controvérsias na sua fala que dizem respeito ao seu próprio raciocínio, onde ele situa o discurso em torno da descolonização do corpo, principalmente, pela menção ao extrativismo da borracha na Floresta Amazônica, pois há uma mesma visão colonizadora em achar que esse recurso natural seria inesgotável.

Se os órgãos trans seriam para o sistema heteropatriarcal o que a borracha é para a extração da seringueira, encontramos deslizos na abordagem do autor que ao mencionar a descolonização acaba falando em um bojo teórico e político a partir de uma voz que emana do norte global, suscitando a aplicabilidade da teoria em uma pretensão universalista. De certa forma, é como se da jaula de Preciado ele não visse a ação colonial ou sua visão não tivesse o alcance da própria ação em outros contextos, por mais que a tarefa de cavar um túnel seja em múltiplas direções. Isso não desvalida o que ele fala sobre os seus próprios órgãos, mas talvez essa comparação situe por onde ele fala, pois não cabe negar, como Preciado mesmo diz, mas sim fazer uma crítica a partir dos processos contemporâneos e, nesse caso, uma crítica dentro de uma crítica como forma de levar ao limite sua proposta no sul global.

Assim como não se pode pensar que a terra é plana, Preciado diz que não se pode recorrer aos textos de Freud e Lacan como se não fossem escritos dentro de uma epistemologia patriarcal da diferença sexual. Para ele, seria o equivalente a pedir a Einstein que renuncie à relatividade e siga pensando com a física de Aristóteles. Não se pode continuar a falar do Édipo em nome do pai em uma sociedade onde o feminicídio, a homofobia e o racismo continuam crescentes.

Mais importante do que reler os pais da psicanálise, é ouvir os corpos excluídos pelo regime de poder psicanalítico, abrindo mão do armário da norma em um processo de despatriarcalização, desheterossexualização e descolonização da psicanálise como linguagem, como instituição e como prática clínica. Inclusive, durante a sua fala, Preciado anuncia que Judith Butler foi registrada como pessoa de gênero não binário no estado da Califórnia e conta que a psicanálise precisa ressoar pela resistência política transfeminista.

Em travessia, o autor nos pergunta em qual jaula queremos permanecer. E, sem dúvidas, desse túnel de Preciado é possível ir além e encontrar no trabalho da travesti brasileira, macumbeira e psicóloga Castiel Vitorino Brasileiro uma forma de pensar não pelas jaulas, mas pelas curas que transmutam em estéticas macumbeiras diante de uma Clínica da Efemeridade, onde a psicanálise e a psicologia chegam ao tão imprescindível fim. “Então minha questão espiralada é: como eu transiciono para fora da colonialidade?” (BRASILEIRO, 2021, p. 46).

Referências

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Eclipse**. New York: CSS Bard/Hessel Museum, 2021, 185p.

PRECIADO, Paul B. **Yo soy el monstruo que os habla**: informe para una academia de psicoanalistas. Barcelona: Editorial Anagrama, 2020, 96p.